

EDITORIAL

POESIA: TERRITÓRIO EM PARTILHA

Em um livro cuja primeira edição data de 1956, Brito Broca propôs-se a pensar o que referiu como “a vida literária no Brasil”. Seu título demarcava, ainda, uma referência temporal: 1900. Um dos elementos centrais ao trabalho diz respeito ao papel desempenhado pela imprensa nas transformações pelas quais então passavam os mecanismos de legitimação da prática literária; papel desempenhado também pelos cafés, pelas redações, pelos cenáculos e diferentes agremiações: trata-se de uma experiência ruidosa, vivida coletivamente, composta por debates e polêmicas, camaradagens, encontros, jantares. Esses espaços e essas formas de sociabilidade também foram explorados por Luís Edmundo, em seu *O Rio de Janeiro de meu tempo* (originalmente publicado em 1938).

Em outro contexto, Rémy de Gourmont vislumbrou, na produção literária que lhe era contemporânea, algo que escaparia à identificação de nomes de autores e títulos de obras, sendo principalmente o resultado de um trabalho coletivo, periódico, midiático, disseminado entre uma multidão de colaboradores, e resultando em modificações profundas na técnica da poesia francesa, mas não a ela restritos (como os movimentos em direção ao verso livre e ao monólogo interior, usualmente associados a Édouard Dujardin). Em seu estudo sobre as *petites revues* do simbolismo francês, Yoan Vérilhac (2010) defende que a poética do simbolismo estaria inscrita na história literária como um trabalho sobre a literatura, sobre a coisa literária em seu conjunto: sua história, seus modos de funcionamento, suas técnicas, seus desafios. Seria um esforço metadiscursivo – um discurso sobre um discurso, sobre suas formas, sua evolução, e as práticas sociais que o acompanham – que poderia ser subsumido pela palavra *crítica*.

Poderíamos, ainda, referir os estudos de Vera Lins sobre Gonzaga Duque, ou os diferentes trabalhos que se reportam ao aspecto coletivo, gregário do simbolismo local. Ou a tese em que, reivindicando a necessidade de uma história “da comunicação literária” (que implicaria os elementos elencados), Mariana Albuquerque Gomes (2021) aborda experiências estéticas simbolistas e modernistas em revistas literárias na cena finissecular, em quatro contextos distintos: as experiências estéticas simbolistas nas revistas *La Vogue* (1886) e *Le Symboliste* (1886), em Paris; as conquistas das revistas *Pierrot* (1890), *Galáxia* (1896) e *Rosa-Cruz* (1901/1904), no Rio de Janeiro; o modernismo hispano-americano da *Revista de America* (1894), em Buenos Aires; e a *Revista Azul* (1894), na Cidade do México.

Alain Vaillant (2003) chega mesmo a se indagar se a “literatura” não teria sido uma criação da civilização midiática. Registra, ao menos, ser, na confrontação violenta e simbólica entre imprensa e cultura de massa, que se teria alcançado a “autonomia” do objeto literário. Referindo-se a um contexto mais próximo de nossos dias, Maria Lúcia de Barros Camargo (1999) observou, em periódicos dedicados à publicação de poesia, para além de objetivos como informar, atualizar, educar (sinalizadores do cumprimento de um projeto moderno), a também moderna associação à criação e manutenção de um mercado, além das relações com a cultura de massas e outros produtos culturais.

Assim, considerando a complexidade desse amplo leque de relações, o presente dossiê da revista *Texto Poético* pretende contribuir com reflexões voltadas às relações entre produção poética e imprensa, à relevância dos grupos reunidos em cafés, redações, cenáculos e diferentes agremiações, ou coletivos reunidos em revistas e periódicos para a criação e circulação de poesia, seja no século XIX, seja ao longo do século XX até os nossos dias. Esses diálogos implicam, ainda, a percepção do próprio objeto poético como construção que pode ser derivada dessas diferentes formas de sociabilidade, considerando-se reconfigurações do literário que se associam ao quadro proposto. Trata-se, ainda, de assumir a possibilidade de campos teóricos e/ou conceituais em disputa na leitura desses espaços e dessas instâncias coletivos.

O dossiê se abre com duas contribuições de pesquisadores convidados. No primeiro, Anthony Glinoe e Michel Lacroix (das Universidades de Sherbrooke e do Quebec, no Canadá) propõem um panorama transnacional das múltiplas formas do *dom* próprias aos grupos literários, o que pode incluir dons de palavra, de manuscritos, de livros, de dedicatórias até, e, por fim, o próprio dom da amizade, de si mesmo, de seu tempo em favor de pessoas específicas ou agrupamentos de pessoas especializadas no mundo das letras (ainda que não a ele restritas). Partindo do conceito do dom proposto por Marcel Mauss, o trabalho se refere a uma pesquisa em curso, que examina práticas grupais a partir de uma grande variedade de casos, e que prioriza a consideração de grupos caracterizados por um elevado nível de coesão e animados por uma sociabilidade solidamente enraizada, ainda que informal. Nesse contexto, o *dom* atua como um fator socializador, conduzindo da amizade à identidade e levando ao entrelaçamento de “recursos” literários, afetivos, econômicos e materiais diversos, em uma complexa teia de relações que efetiva uma espécie de confirmação mútua da identidade literária: praticando o dom e o contradom, os membros de um grupo se reconhecem mutuamente como escritores.

Em « Une histoire médiatique de l’avant-garde: les petites revues symbolistes », o pesquisador francês Yoan Vérilhac (Universidade de Nîmes), propõe uma reflexão sobre

o papel dos periódicos independentes na estruturação de um sistema de comunicação literária de vanguarda, tomando como recorte histórico a *Belle Époque* francesa e as primeiras décadas do século XX. Central ao trabalho, a expressão “*petites revues*” se reporta a uma coleção de periódicos literários e artísticos que proliferaram juntamente com a multiplicação de escolas, grupos e movimentos no contexto referido. A revista é abordada, neste trabalho, bem como no livro de Vérilhac anteriormente referido, como um gênero midiático (uma nova forma editorial), em relação ao campo mais amplo do jornalismo, o que não impede que sejam consideradas sua diversidade e sua complexidade material. As revistas simbolistas, em específico, constituem um *corpus* privilegiado de estudo para historiadores da literatura *fin-de-siècle*, que destacam sua importância como uma ferramenta crucial para a visibilidade pública de experimentos artísticos desafiadores e de artistas marginais ou emergentes. Uma última contribuição a ser destacada encontra-se na finalização do texto, em que se examina um traço específico da cultura dessas pequenas revistas: a ironia e a sátira, tomadas como marcadores essenciais da pequena imprensa entre 1820 e 1880.

Em diálogo com Yoan Vérilhac, o artigo “Da frequência de jornais cotidianos e revistas literárias: poemas em prosa e sociabilidades na imprensa oitocentista”, também derivado de uma pesquisa em andamento, conduzida por Ana Beatriz Farias Costa de Brito e orientada por Francine Fernandes Weiss Ricieri, aponta, na pequena imprensa (e nas *petites revues*), um papel duplice que, por um lado, propicia o estabelecimento de vínculos de sociabilidade entre pessoas de letras e, por outro, cria condições de circulação para novas ideias e para práticas inovadoras, em uma experiência que contribui com o processo criativo dos envolvidos. Tomando como objetos de análise Judith Gautier e Maria Clara da Cunha Santos, o texto observa como os periódicos assumem o papel de *laboratório* das poéticas literárias do século XIX, na criação de uma “poética do cotidiano” (Marie-Ève Thérénty). A partir do cotejo entre textos críticos sobre as artes e poemas em prosa publicados nas revistas literárias *La Renaissance littéraire et artistique* e *A Mensageira*, respectivamente, o estudo tem como objetivo a leitura do estado “inacabado” daqueles escritos.

O poema em prosa como questão reaparece no trabalho de Júlio Cezar Bastoni da Silva. O autor recupera as categorias “espaço de invenção” (Salette de Almeida Cara) e “espaço dos possíveis” (Pierre Bourdieu) como indiciadoras de estratégias de produção poética em Cruz e Sousa, em especial nos seus poemas em prosa. O texto se articula à proposta do dossiê ao pensar publicações como *Missal* e o livro póstumo *Evocações* como afirmações de um gênero em formação e como empreendimento de todo um segmento da poesia brasileira denominada pelo próprio grupo de autores implicado como *marginal*.

O recurso a um gênero excêntrico contribui com a constituição de uma posição à margem, que era, também, coletiva. Nesse quadro, a formação de periódicos e as publicações póstumas do escritor teriam se prestado à rememoração e ao estreitamento da solidariedade de uma camada média de escritores em ascensão, ainda sem relação com as instâncias de consagração.

A proposição do dossiê é discutida a partir da problematização da noção de coautoria no artigo de Luciéle Bernardi de Souza, “Vida e verso em partilha: coautoria em dois momentos da poesia brasileira”. No texto, a autora realiza um panorama de nomes relacionados à poesia compartilhada, principalmente coautoral, enfatizando dois momentos históricos: o da Ditadura Militar e o da crise sanitária da covid-19. São analisadas as especificidades de cada um dos períodos enfocados com o objetivo de discutir poéticas de criação não individuais, experiências colaborativas de escrita e modos alternativos de circulação da poesia em dois intervalos temporais marcados pela censura e pela perseguição política e/ou pela privação forçada da convivência social coletiva. Destaca-se dessa exposição a leitura de alguns poemas, nos quais as experiências de coautoria, indicadas por Heloisa Teixeira a propósito da poesia Marginal dos anos 70, evidenciam contribuições dessa importante editora e crítica da poesia brasileira do século XX e início do XXI.

Já no artigo “Bernardo Guimarães, vaticínios de um ensaísta-poeta”, os autores Luiz Henrique Diniz Filho e Natália Gonçalves de Souza Santos apresentam um estudo comparativo entre o ensaio “Reflexões sobre a poesia brasileira” (1847-1850) e o poema “O destino do vate” (1850), ambos de Bernardo Guimarães e veiculados no periódico acadêmico *Ensaíolos Literários* (1847-1850). O cotejo permite aos autores postularem a hipótese de que Guimarães apresenta uma postura próxima à poesia progressiva dos primeiros românticos alemães, o que poderia indicar que ele se vale da natureza ambígua da ironia para exercitar a liberdade romântica de oscilar entre distintos pontos de vista. Por outro lado, a circulação de suas reflexões nos periódicos da época evidencia o aproveitamento dessa relevante arena de debates entre poetas da segunda geração romântica: a imprensa estudantil tornava-se uma espécie de porta-voz irônica, capaz de promover reavaliações de posturas estéticas e contribuir com uma formação intelectual que, no seu conjunto, dependia fortemente das agremiações que reuniam aquela geração.

Nívea Lopes e Pedro Marques pretendem analisar as rimas de improviso no Metrô de São Paulo em relação à sua presença na cidade paulista e no transporte metroviário. Essa prática artística é entendida, no trabalho, como uma das manifestações coletivas da tradição oral no Brasil. Assim, o texto investiga como essa poética performática dialoga com a prática da poesia oral e, ao mesmo tempo, com as dinâmicas da cidade: transitando

entre o microespaço do vagão e o macroespaço urbano, as rimas provocam e convidam o passageiro a assumir o papel de espectador e coautor de poesia. O pressuposto central é que a performance é inseparável de onde é realizada: não se relaciona com o espaço, mas é composta por ele.

Victor Pereira e Stefania Chiarelli abordam certa confluência ética que atravessaria as poéticas de Ruy Belo e Tito Leite, pensando-a, nos termos propostos por Jean-Claude Pinson (*Habiter en poète*, 1994), como uma *poéthique*, ou uma ética do ser fundada na palavra como um ato de escrita associado ao modo de habitar o mundo. Também a noção de *poétariat* (em oposição a *proletariado*) designaria uma comunidade simbólica na qual a palavra configuraria resistência à mercantilização da vida e à dissolução da experiência sensível. Em ambos os poetas, a inscrição na linguagem coincidiria com um gesto político e ético de inscrição no real. Na convergência entre fé, linguagem e mundo, a poesia seria a participação naquela comunidade simbólica e também um gesto de resistência, um modo de reconstituir o mundo pela linguagem.

A edição conta, ainda, com a valiosa contribuição de Alexandre Pilati (Universidade de Brasília), que coloca em circulação no país o artigo “Theory of the lyric”, publicado originalmente em inglês no periódico *Nordisk Poesi - Tidsskrift for lyrikforskning* (2017), por Jonathan Culler (Universidade de Cornell). Acrescida de notas explicativas preparadas pelo tradutor, com revisão de Yumi Trivelato, mesmo sem estar relacionado às proposições do dossiê que organiza o número, o trabalho se ajusta de modo preciso ao projeto editorial da *Texto Poético*. No artigo, Culler recupera a proposição central a seu livro *Theory of the Lyric* (2015), voltada não à produção de uma hermenêutica, mas de uma poética. Ou, menos que oferecer novas interpretações de poemas específicos, o projeto diz respeito a entender como funcionam e quais são as convenções e estratégias da lírica. O texto recusa, nesse sentido, a proposição de uma natureza *mimética* para o gênero (seja na proposição de uma imitação do real, seja na proposição de uma imitação da experiência do sujeito, ou ainda, na proposição da imitação de um ato de fala), em favor de sua dimensão *ritualística* (que considera seu padrão sonoro, o presente da enunciação poética, bem como o conjunto de estratégias em que se fundamenta essa escrita): prioriza-se a experiência do poema como um *evento* que contém, ainda, a formulação de proposições sobre o mundo que o cerca.

Rodrigo Felipe Veloso resenha uma trilogia constituída pelos livros *Cave Carmen*, *Coram populo* e *Quantum satis* (Goiânia: Martelo, 2024). Organizada por Fabrício Marques e Silvana Guimarães, com projeto gráfico de Caio Borges, a trilogia reúne e recoloca em circulação a poesia de Maria do Carmo Ferreira, de grande relevância para os quadros da produção literária brasileira. Veloso apresenta uma breve nota biográfica da autora para, em seguida, examinar o que considera um acontecimento editorial de grande relevância

para a poesia brasileira contemporânea. Destaca e analisa as principais linhas de força da escrita de Ferreira e termina por concluir que a edição trata não só “da reunião de uma obra até então dispersa e inédita em livro, mas também da revelação de uma das vozes femininas mais singulares da lírica recente.”

Integram a seção “vária” do volume dois artigos. No primeiro deles, “Teu avô se expressa em tua expressão: sobre Ilustrações para fotografias de Dandara, de João Cabral de Melo Neto”, Fábio José Santos de Oliveira apresenta o volume *Ilustrações para fotografias de Dandara* (Objetiva, 2011), do poeta João Cabral de Melo Neto, de edição póstuma. No livro, estão contidos poemas da década de 70, quando Cabral era embaixador brasileiro de alguns países africanos, com residência fixa em Dacar. Os poemas, denominados “Ilustrações”, são compostos com o objetivo de registrar as reações do poeta às fotos de sua primeira neta, Dandara, enviadas por sua filha, Inez Cabral. Ao analisar a edição, Oliveira explora como o conjunto de poemas reunidos explicita alguns aspectos recorrentes da poesia cabralina, como a predominância, ou quase exclusividade, da quadra, e o caráter pictórico/ visual do poema, mesmo que várias diferenciações possam ser vislumbradas no cotejo do livro com os demais que notabilizaram a poesia cabralina.

O segundo texto da seção, “Da casa à metrópole: o sujeito lírico e a reconfiguração do endereçamento em Lobo Damasceno”, assinado por Marinna Santos e Eduardo Veras, problematiza a intersecção entre memória individual e experiência coletiva, ao analisar a constituição do sujeito lírico no livro *Casa do Norte* (2020), do poeta Rodrigo Lobo Damasceno. Partindo da análise pontual de poemas constitutivos do livro e observando sua inscrição na poética de Damasceno, os autores efetivam alguns apontamentos teóricos que trazem contribuição para o estudo de, pelo menos, duas noções teóricas de grande relevância para a compreensão da poesia contemporânea: a relação entre lirismo e autobiografia – tomada a partir da discussão da conformação do sujeito lírico – e os modos como a possível mobilização do leitor configuraria a questão do endereçamento lírico na obra em análise.

O conjunto de textos constitui um volume que, esperamos, possa interessar e contribuir com os trabalhos de estudiosos dedicados, direta ou indiretamente, ao tema proposto. Agradecemos: a autores e autoras, pelas contribuições que examinaram o caráter partilhado da escrita poética sob vários aspectos e perspectivas. Aos pareceristas e à equipe técnica, pelas leituras cuidadosas. Ao editor da *Texto Poético*, Rodrigo Garcia Barbosa, pelo acompanhamento gentil e dedicado que caracteriza seu trabalho.

Resta-nos convidar à leitura.

REFERÊNCIAS

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil, 1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação — Serviço de Documentação, 1956.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Revistas literárias e poesia brasileira contemporânea. *Boletim de pesquisa NELIC*, v.4, p. 5-12, 1999.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu Tempo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

GOMES, Mariana Albuquerque. Sá, Maria Elisa Noronha de. *Modernidade em constelação: experiências estéticas simbolistas e modernistas em revistas literárias na cena finissecular (Buenos Aires, Ciudad de México, Paris e Rio de Janeiro, anos 1886-1904)*. Tese de Doutorado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

VAILLANT, Alain. Por une histoire de la communication litteraire. *Revue d'histoire litteraire de la France*, vol. 103, PUF, 2003, 3.

VÉRILHAC, Yoan. *La jeune critique des petites revues symbolistes*. Saint-Etienne: Université de Saint-Etienne, 2010.

Francine Fernandes Weiss Ricieri¹

Waltencir Alves de Oliveira²

¹ Professora associada do Departamento de Letras, credenciada no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Guarulhos, São Paulo, Brasil. E-mail: weiss.francine@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4541-3090>.

² Professor associado da área de Literatura Brasileira e Teoria Literária, do Departamento de Literatura e Linguística, da Universidade Federal do Paraná (DELLIN/ UFPR), atuando na graduação e na pós-graduação do referido curso. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: waltencir@ufpr.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2002-3467>.